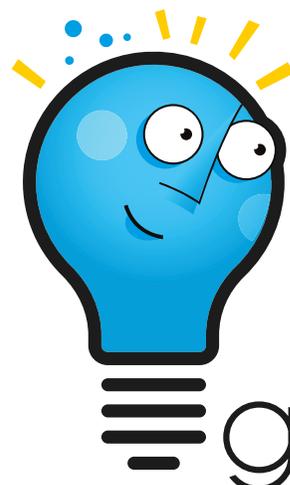




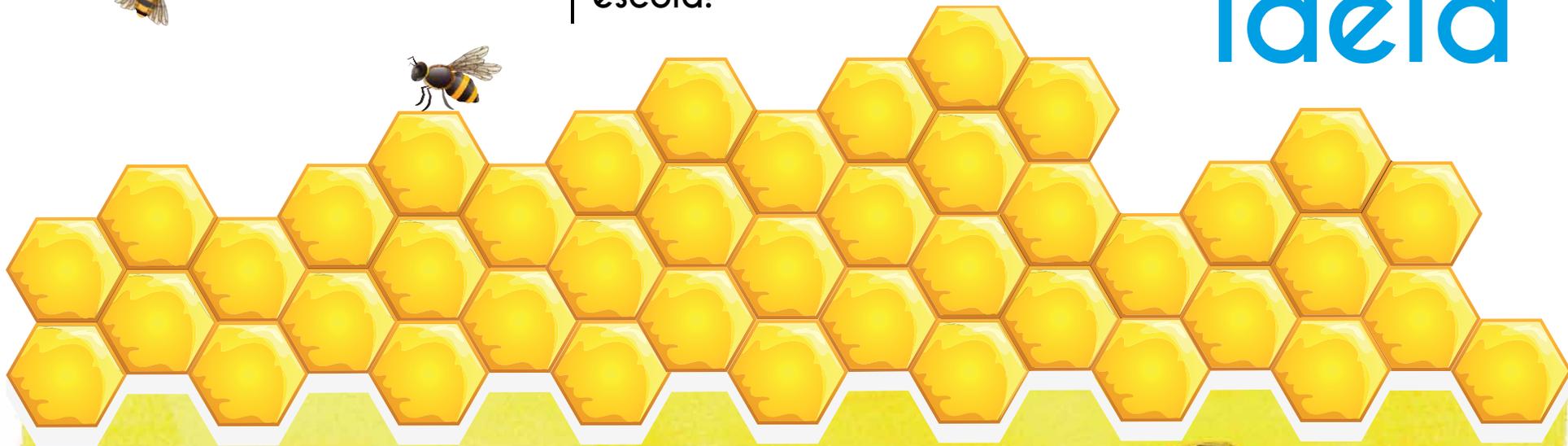
Concurso Escolar

Prémios
laVie
FUNCHAL
SHOPPING CENTER

Se és aluno do
Ensino Secundário,
participa na tua
escola!



grande
ideia



#Ilustração



Sapatos sobre
fundo amarelo

Diana Camacho
ES de Francisco Franco (Funchal)

#Conto

Amor sem preço

Algures numa tarde fria de dezembro de mil oitocentos e noventa e quatro, estava Maria Teresa, jovem oriunda de uma das mais emblemáticas famílias da aristocracia portuguesa, a casar com o homem idílico, o conde de Lafayette. Tudo estava perfeito, desde os arranjos florais, ao vestido, aos convidados, até ao pensamento do futuro primoroso daquele casal.

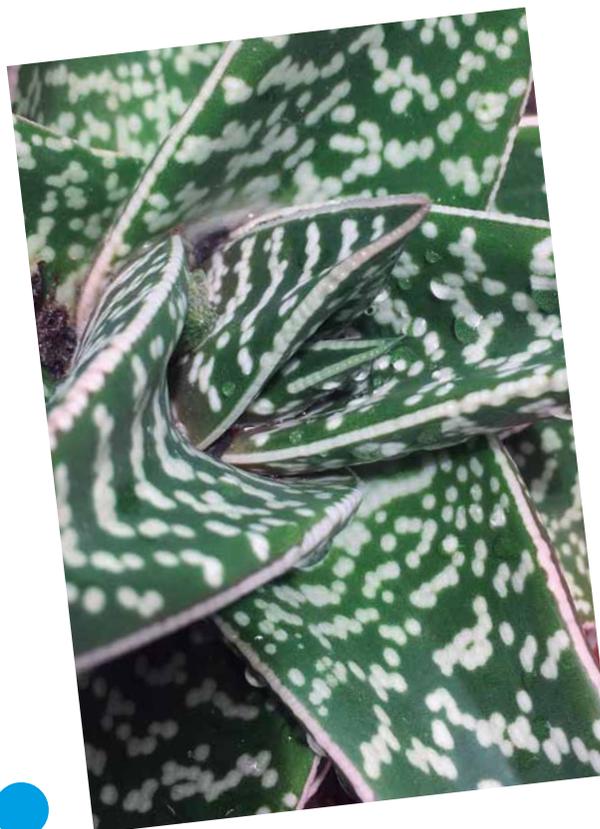
Muitos meses após o matrimónio, Teresinha (como era carinhosamente apelidada pelos mais próximos) procurou em aflição a prima, por não conseguir ficar de esperanças e dar ao nobre a tão esperada descendência, especialmente um varão que pudesse assumir os títulos honoríficos e responsabilidades do nome da família. A aia marquesa recomendou-lhe que solicitassem a todos os párcos das proximidades missas por aquela linhagem, que os mosteiros e conventos se dedicassem à suplicação de um milagre para os Lafayette, e assim foi. Treze meses e sete dias depois, Maria Teresa deu à luz o seu primeiro filho e em homenagem aos pais do Menino Jesus chamou-o José Maria. Uma vez mais, tudo parecia estar perfeito na sua vida, até que, horas depois, Gustavo de Mello, o médico da família, fez o seu mundo ruir verdadeiramente. A criança, se assim a poderia ele chamar, tinha nascido «com um certo atrofiamento físico, com um défice cognitivo, com a sentença de ser um vencido da vida e seria somente uma mancha em tão ilustres gerações». A idade da mãe era já avançada e a esperança de vir a ter mais algum filho escassa e, por isso, a condessa de Lafayette decidiu investir todas as suas forças e fortuna naquela criança, dando-lhe as melhores aias, ensino, aulas de catequese e de infantaria. Assim, ela afastou-se, juntamente com o marido, da vida na corte, dos bailes e dos dias recheados de banquetes e opulência, vivendo para cada pequena conquista do seu tão amado rebento.

Os anos foram-se passando e as conquistas do jovem acumulando-se, Zezinho podia não ter muita queda para as ciências, mas era da poesia e, de maneira tão fenomenal que, até podemos dizer, honrou o olho perdido de Camões. Com isto, Teresinha percebeu que a deficiência do filho em nada os impediria de serem felizes, ele poderia até não ser o que ela sonhara, mas era professor na Academia de Letras, junto de grandes nomes da literatura do século XX. Além disso, a sua maior alegria era saber que ele a amava de uma maneira inexplicável e que tinha dentro de si uma bondade sem igual, ele poderia até não ser totalmente independente no seu quotidiano, mas quebrou muitos estereótipos, preconceitos e barreiras, ensinando, inclusivamente, Gustavo de Mello, o médico que lhe disse que ele seria um vencido da vida, a lírica camoniana.

Deste modo, o objetivo deste conto é somente mostrar que a dignidade da pessoa humana tem um valor absoluto e que não pode, em momento algum, ser posta em causa pelos rótulos da sociedade. O amor dos pais para com um filho não depende da sua profissão ou do seu estatuto social, mas sim da Humanidade que ele possui.

Bernardo Flôr Rodrigues

EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva (Funchal)



#Fotografia

As coisas mais simples
são as mais belas



Joana Soares

EBS Dr. Luís Maurílio da Silva
Dantas – Carmo (Câmara de Lobos)

#Poesia

A alma que possuía as teclas gritantes do meu piano

Eu tenho tocado a mesma melodia por dias,
As pessoas já comentam que as teclas soam envelhecidas.
Elas dizem que eu apenas tecló as minhas agonias...
Mal elas sabem que apenas descrevo as suas míseras vidas.

Eu tenho visto a mesma foto gélida através dessa janela.
Essa mesma que todos anseiam pelo longo cabelo doirado cair,
Mas que ninguém se atreve a aproximar por temer o olhar dela.
É um olhar complexo e destemido que não dá para se abstrair.
Um olhar perplexo e descontraído que não dá para se esquecer.
Todos a conhecem pela sua capacidade de mover o saber,
Todos fingem saber o que realmente sua mente transborda.
No entanto nunca se fez referência ao que a sua essência aborda.

Eu tenho inconscientemente sentido a transparência da sua alma.
Quase que nela vejo os meus inférteis traços de escassez humana.
Como se em vez de apresentarmos uma raça independente e plena,
Fossemos rascunhos embaciados de uma sociedade fraudulenta.

Eu tenho tocado a mesma melodia por dias,
Como se a sua imagem fizesse agora mais parte de mim do que dela,
Consigno sentir os seus imensos sorrisos falsificados pela etiqueta,
E os seus descalços suspiros compreendidos nas rudes palavras populares.
Não consigo mais censurar a sua dor ou ignorar a ignorância...
Toco as mesmas notas sofridas de modo que ouçam teus gritos de socorro!

Minha querida mãe, não choreis mais pela sofrida agressão,
Neste século que é nosso, silêncio já não será a nossa opção!

Um grande abraço,
O teu Anjo da guarda.

Graciela Abreu
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva
Dantas – Carmo (Câmara de Lobos)

#Investigação Histórica

A Tecelagem

Desde meados do século XVII, a tecelagem ganhou um lugar no quotidiano de algumas famílias madeirenses. Esta era uma atividade artesanal feita essencialmente por mulheres que, por sua vez, ensinavam este labor às crianças, permitindo a continuidade da mesma de geração em geração. A maior parte das vezes, esta atividade era um meio de sustento ou de lazer. Como havia pouca produção de lã e algodão na ilha, importavam-nos das grandes potências industriais da época, nomeadamente, Inglaterra, Alemanha e América do Norte. Porém, também muitas zonas da Madeira utilizavam restos de tecidos de roupas para tecer. Com o crescimento desta atividade na região, as mulheres necessitavam de teares para a elaboração dos tapetes. Face a esta necessidade, os homens construíram-nos manualmente.



Já no século XVIII, houve uma grande aposta na produção, fazendo assim com que se aumentasse a criação do gado ovino na ilha, o que gerava matéria-rama fundamental para o desenvolvimento desta atividade.

A prática da tecelagem era maior nos concelhos do Porto Moniz, Calheta e Santana. Já em Portugal Continental, havia uma maior incidência da tecelagem na zona norte de Portugal, por ter áreas mais rurais. Depois da revolução industrial, houve um grande impacto na indústria portuguesa, levando a uma maior importação de lã e algodão da Inglaterra.

Com a evolução da indústria e das novas tecnologias, a tecelagem artesanal feita como antigamente perdeu a sua importância, deixou de ser um meio de subsistência, o que levou à diminuição da prática da arte de tecer. Contudo, Maria Baires, uma artesã oriunda da Ribeira Funda, freguesia do Seixal, concelho do



Porto Moniz, recorda o início da aprendizagem desta atividade, desde pequena, com a sua mãe e avó, que tinham o hábito de percorrer grandes distâncias, só para vender os tapetes feitos por elas, no tear feito à mão pelo pai da artesã.

Embora nos dias de hoje a tecelagem seja feita nas fábricas com máquinas especializadas, deixando de parte a maneira manual de fazer os tapetes, esta senhora continua a tecer no mesmo tear, onde aprendeu com a sua mãe, só que agora tece essencialmente por lazer.

Talvez seja a hora de revitalizar este ofício e tirar partido dos recursos, das técnicas e dos ensinamentos que a artesã Maria Baires nos queira transmitir.

Webgrafia:

- http://negocios.maiadigital.pt/hst/sector_actividade/textil_vestuario/caracterizacao/esboco#i2
- <http://aprenderamadeira.net/oficios-e-artesaos/>
- <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tecelagem>

Fotografias:

- Margarida Osório

Margarida Osório
EBS/PE/C do Porto Moniz

#Investigação Histórica

Bordado Madeira

A *Investigação Histórica* que realizei sobre “Artes e Ofícios” conduziu-me, naturalmente, ao Bordado Madeira, pois tenho uma bordadeira que me é muito querida e próxima, minha avó. O bordado existe na ilha da Madeira desde o séc. XV e desenvolve-se muito no séc. XIX; Miss Elizabeth Phelps é tida como a grande impulsionadora do bordado Madeira por ter fundado, em 1854, uma escola em sua casa e ensinado crianças e mulheres a bordar com desenhos originais seus. A importância desta arte é, ainda hoje, visível na economia, cultura e vida social da ilha, tendo sido criado um museu, Núcleo Museológico IVBAM, que reúne um acervo com peças de Bordado Madeira que datam mais de 150 anos, produzidas entre a década de 60 do séc. XIX e os anos 30 do século XX. Os tecidos usados são linho, seda, algodão e organdi. A técnica é utilizada em toalhas de mesa, vestidos, camisas, lençóis e lenços. Tradicionalmente, as bordadeiras bordam em casa, um pouco por toda a ilha! Com a entrevista que dirigi, conheci um pouco mais sobre o Bordado Madeira.

De seu nome Maria Benvinda dos Santos, com 69 anos, residente nas Feiteiras – Ponta Delgada, começou a bordar com nove anos e ainda hoje o faz, agora por gosto: «Faço caseado, bordo em linha, granitos,



ilhós, bastidor, arrendado, ponto de corda, matriz, macramê e organdi, ponto de sombra e francês.» Tudo começou pela mãe que a ensinou a bordar, pois era mais uma fonte de rendimento em tempos muito difíceis: «comecei a trabalhar para bordadeira para ganhar o pão da vida, para me poder vestir e calçar, para ajudar nas despesas em casa porque os meus pais eram agricultores e o dinheiro não era o suficiente para seis pessoas, então eu e as minhas irmãs mais velhas tivemos que bordar para ajudar os nossos pais. Na idade mais adulta já fui crescendo e já fui ganhando para eu dar sustento aos meus filhos. Trabalhava de dia e de noite a bordar para a Casa dos Bordados, para comprar o pão de cada dia aos meus filhos.» Acrescentou ainda que «a empresa mandava os desenhos muito carregados de trabalho. Às vezes uma toalha das grandes demorava 4, 5 meses para ganhar 40, 50 contos.» Trabalhava para

casas como a do Rui da Silva, na Rua das Murças ou na Rua da Carreira, a Casa Leacock.

Diz que continua a bordar hoje para se distrair «porque agora nem há sequer muitos bordados. Aqui para o lado do campo há poucos. Então eu bordo para mim e para oferecer às minhas netas... uma coisa para elas terem uma recordação da avó quando morrer.»

Desde sempre que recordo a minha avó a bordar na sua cadeira de vimes com a tesoura ao pescoço e o dedal no dedo. A minha infância, ainda que não fizesse a mais pequena ideia do que exigia bordar, foi enriquecida por esta arte com vestidos personalizados para mim e para as minhas bonecas, em crochê e em Bordado Madeira. E ainda hoje tenho peças, como toalhas, que serão sempre o reflexo do carinho especial que tenho pela minha avó, porque sei a dedicação e o amor que ela coloca nos bordados, feitos pacientemente.



Inês Vieira

EBS D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)

#Poesia

É de manhã...

É de manhã...

O sol aparece,
Eu acordo
E o silêncio
Desaparece.

Começa a correria
A agitação do dia a dia
E a calma deste mundo mudo
Desaparece.

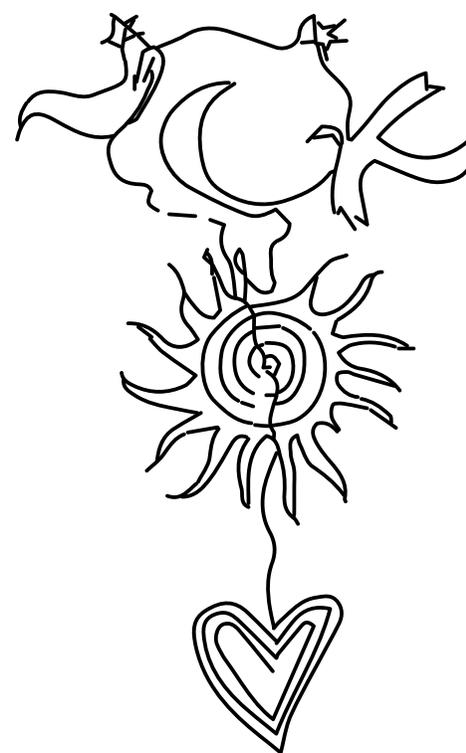
Então o tempo foge-nos.
Por entre os dedos,
As folhas de papel e os nossos medos.

Enquanto
Os pássaros cantam,
As flores nascem,
As estrelas cintilam
E a lua floresce.

A noite chega,
E a escuridão
aconchega o coração.

É de manhã...

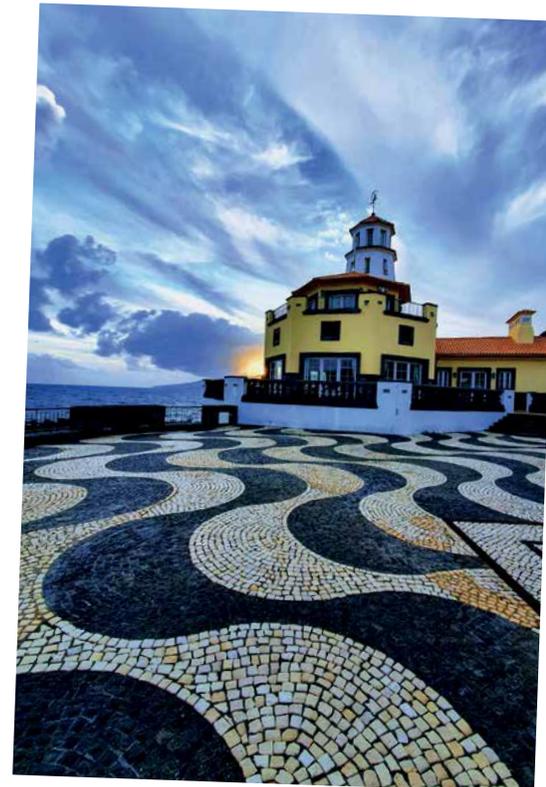
Juliana Erra
EBS de Machico



#Fotografia

Prémios
la Vie
FUNCHAL
SHOPPING CENTER

A matemática aqui e acolá!



Sérgio Calaça
EBS de Machico

#Reportagem

Manhã inesquecível na Escola da APEL



No passado 13 de novembro de 2019, a Escola da APEL recebeu os alunos da Universidade Sénior de Santa Maria Maior e alguns avós de alunos da Escola, que participaram num conjunto de atividades, inseridas no Projeto de Cidadania de Escola.

Este projeto, preparado com a coordenação da Prof.ª Carla Freire,

contou com a colaboração dos alunos de 10.º ano e com a orientação dos professores de Educação Física, de Línguas Estrangeiras, de Filosofia e de Educação Moral e Religiosa Católica. Numa primeira fase preparamos tudo, desde as atividades a desenvolver, em que os alunos seriam os professores dos convidados, ao lanche partilhado. Inventamos, com a grande ajuda dos nossos professores, um jogo do bingo, com os números em línguas estrangeiras, uma atividade de orientação no ambiente escolar e até aprendemos folclore.

Também preparamos textos para um debate que aconteceria no auditório e alguns alunos, como eu própria, criamos momentos musicais para os nossos convidados.

Rapidamente chegamos ao dia para o qual nos tínhamos preparado, e estávamos todos em êxtase! Esta



manhã iniciou-se com todos reunidos num auditório repleto. Começou com palavras sentidas, com os momentos musicais e com um debate intergeracional de ideias. Ofereceram-se flores aos convidados e alguns ficaram com uma lágrima no canto do olho... Após o lanche partilhado pudemos falar mais de perto com os alunos da Universidade Sénior. Quisemos estar mais próximos deles, pois era a vez de nós, alunos, sermos professores. Foi uma experiência

desafiadora e divertida, pois os nossos alunos eram muito alegres e tinham uma vontade de aprender que supera tudo. De tal forma que, hoje em dia, posso comprovar que a frase «os mais velhos também aprendem com os mais novos» é mesmo verdade.

Depois das aulas direcionadas às línguas, formaram-se grupos intergeracionais de alunos para a atividade de orientação, que fez percorrer toda a escola de mapa na

mão, e para uma aula de pilates, no ginásio. Para terminar com chave de ouro, dançamos a tão esperada dança de folclore, o regadinho, que, como muita boa disposição à mistura, acabou por mostrar que os menos jovens conseguiam seguir os movimentos mais rápido do que alguns de nós, mais jovens, comprovando a sua grande energia.

Falo por mim, mas também pelos meus colegas: esta manhã, repleta de sorrisos, lágrimas e felicidade, será um momento que muitos de nós, alunos de 10.º ano, nunca vamos esquecer. Foi uma manhã maravilhosa, que ficará nos nossos corações para o resto das nossas vidas.



Juliana Marques
Escola da APEL (Funchal)

#Poesia

Gotinha delicada

Num som síncrono que acalma
Pousa a gota delicada,
Mergulha no meio da Natureza
Sem saber a sua pureza.

É capaz de lavar a alma,
E até afastar a tristeza
Mas a pobre gota delicada
Não sabe a sua grandeza.

É a ternura personificada
Numa gota atenciosa
Lavou a pétala de uma flor,
Deixou-a mais preciosa.

Aquela gota tão pequenina
Não sabe o que tanto fez,
Quantas vidas salvou
Apesar da sua pequenez.

Obrigada, gotinha
Pela tua sensibilidade
A tua leve e simples queda,
Preservou a humanidade.

Ana Margarida Vasconcelos
EBS de Santa Cruz

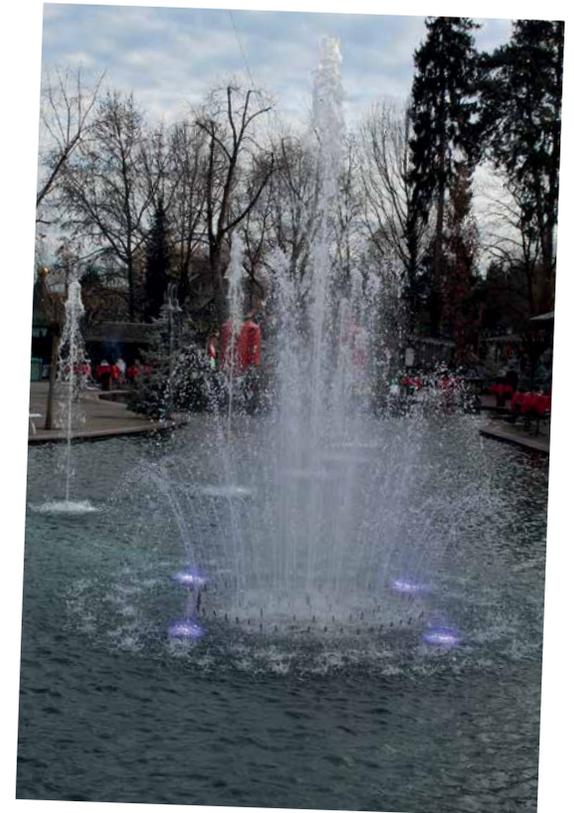
#Conto

Um sonho realizado

Numa aldeia pequena, numa região portuguesa, nasceu um rapaz chamado Alberto Rodrigues. Esse rapaz era loirinho; de cabelo encaracolado; olhos azuis e com uma bela pele, branca e suave. O Alberto nasceu numa família muito pobre, com dificuldades financeiras. O seu único sustento era a agricultura. Desde novo habituou-se a trabalhar com os instrumentos agrícolas, a cozinhar as suas refeições e a construir os seus próprios móveis, como, por exemplo, a estrutura da cama em madeira, mas Alberto tinha um sonho: ser o presidente de uma empresa.

Alguns anos depois, o Alberto, já com treze anos, foi pela primeira vez vender legumes com a sua mãe à cidade, numa pequena banca de vendas. Ao chegar a casa, o rapaz, sabendo que o seu pai tinha ido ao seu terreno agrícola regar as plantas, decidiu ir ajudá-lo. Quando lá chegou encontrou o seu pai caído, logo chamou por ajuda. Depois de o levarem para o hospital, voltaram para casa.

A matemática está lá, apenas não da maneira que a conhecemos.



Jacinta Melim
EBS de Santa Cruz

Essa queda teve consequências como dores, capacidade de movimento limitada e a pior foi que o pai do Alberto tinha ficado cego. Como era uma família “dependente” da agricultura, Alberto teve que deixar de estudar para ajudar a família a cem por cento. Porém, como o rapaz era dedicado aos estudos, propôs a seus pais ir à escola durante o dia e, quando chegasse a casa, ajudá-los-ia na agricultura.

Anos depois, no fim dos estudos, Alberto arranjou trabalho numa empresa tecnológica, sendo convidado para engenheiro, pois tinha a melhor média da sua universidade. Chegando a casa para dar as boas novas aos pais, decidiu prometer-lhes que iria poupar dinheiro para se mudarem para a cidade. Meses depois, já com algum

dinheiro poupado, decidiram mudar-se para um apartamento na cidade. Semanas depois abriram inscrições para uma candidatura para uma vaga de vice-presidente, então decidiu participar. Algum tempo depois saíram os resultados e ele conseguiu a vaga e tornou-se vice-presidente numa grande empresa tecnológica, com fortes probabilidades de ser o sucessor do presidente. Dias depois o presidente falece e Alberto sucedeu-o no cargo de presidente, cumprindo o seu sonho.

Rodrigo Côrte
EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava)



#Ilustração

Marilyn Monroe



Cláudia Alves

EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)

#Reportagem

Plantar o Futuro – Ato de Cidadania



Nesta reportagem procurámos saber como uma simples atividade, a plantação de árvores, pode ser responsável pela formação de melhores cidadãos.

Os cidadãos com plenos direitos devem compreender que para o serem devem procurar preservar o ambiente. No dia 3 de maio, alunos e professores da Jaime Moniz, ao abrigo da iniciativa 'Plantar o Futuro', foram ao Pico do Areeiro. Fomos ao local falar com estudantes para recolher vários depoimentos. Entre estes recordamos os de alunos de 12.º

ano, da turma 47, para quem «estes eventos permitem-nos uma melhor compreensão do quão importante é a preservação do Meio ambiente»; que é «importante fazer parte da construção do meio em que vivemos, não só através de iniciativas vindas de casa, como também a oportunidade de participar nas atividades propostas pela Secretaria Regional de Educação»; bem como «é necessário este envolvimento de nós, os jovens, com o nosso Planeta». Os alunos mostraram muito interesse na atividade e deixaram a recomendação à Secretaria Regional de Educação para que se «realizem mais atividades, não só a nível do meio ambiente, como também a concessão de fundos às escolas da região para que se possam realizar outras visitas de estudo a fim de promover outro tipo de ensino».



Pudemos constatar uma preocupação, a nosso ver cada vez mais crescente, sobre a importância das questões ambientais no dia a dia e a luta pela sensibilização daqueles que não entendem que as suas ações podem prejudicar o futuro da floresta Laurissilva. Este tipo de iniciativas tem uma dimensão fortemente cívica, na medida em que permite formar cidadãos mais preparados para a sua realidade, com a qual devem estar cada vez mais preocupados, tratando o ambiente como “casa comum”.



Citamos, como exemplo, as cidades sustentáveis ou 'Green Cities' que existem noutros países. Concluindo, um simples gesto de plantar uma árvore pode fazer com que o Planeta Terra evolua com a ajuda de quem plantou, estando ciente de que contribuiu para que esse mundo em que habita se torne um lugar mais puro e melhor. Na qualidade de repórteres, pudemos testemunhar estas duas dimensões, a da sustentabilidade ambiental, que é importante, mas também a da vontade de cada participante exercer um dever cívico de contributo para o bem-estar da Humanidade. Plantar árvores não é apenas tornar o mundo mais verde, é fazer parte da construção de um mundo melhor e da responsabilidade cidadã que isso implica.

José Pedro Fragueiro

ES de Jaime Moniz (Funchal)

#Ilustração

Fique em Casa!



Érica Gonçalves
EBS da Ponta do Sol

#Reportagem

Porto Santo quer 'Educar para cooperar'

'Educar para cooperar – Agora tu!' é o nome do concurso/projeto que surgiu de uma parceria entre a organização não governamental AIDGLOBAL e o município do Porto Santo, cujo cofinanciamento é assegurado pelo Camões – Instituto da Cooperação e da Língua. Abordando o tema da cidadania global nas escolas, este concurso teve como objetivo incentivar a materialização de iniciativas de sensibilização que promovam os direitos humanos, a cooperação entre povos e culturas e o desenvolvimento sustentável, realizadas através de várias modalidades, como teatro, música, exposições, *workshops* e *flash mobs*, entre outras.

O concurso foi aberto a toda a Região e ao qual poderia concorrer qualquer instituição pública ou privada. Dos sete projetos selecionados, a nossa escola saiu vencedora em quatro. 'A diversidade cultural na nossa escola – tradição e gastronomia', 'Cidadania com valores', 'Educar para cooperar – vestir um sorriso' e 'Clube das alterações climáticas e da quinta pedagógica' são as iniciativas da escola Francisco de Freitas Branco encabeçadas por vários docentes. Cada projeto receberá agora até mil euros de apoio com vista à sua concretização efetiva. Do júri do concurso fizeram parte a presidente da direção da AIDGLOBAL, Susana Damasceno, o professor da Universidade da Madeira, Nuno Fraga, e a representante do Município do Porto Santo, Rubina Brito.

Os projetos estavam já a arrancar, mas, por causa da suspensão das atividades letivas presenciais devido à pandemia, tiveram que, por agora, parar, embora no caso dos projetos de sensibilização para a cooperação internacional estejam a ser dados passos. É a situação, por exemplo, do projeto 'Educar para cooperar – vestir um sorriso', iniciativa que nos vem mostrar a realidade dos países mais pobres do mundo. E qual é o seu objetivo? Através de encontros intergeracionais, costurar vestidos para meninas de países em situação de pobreza extrema, devolvendo-lhes um pouco de esperança. Esta ação permite o envolvimento da comunidade educativa e local e promove a sociabilização e a partilha de saberes, um pouco à semelhança do trabalho desenvolvido pela conhecida ONG *Dress a Girl Around the world*.

Concluindo, apesar de hoje vivermos tempos difíceis, a solidariedade continua a fazer a diferença no mundo atual e, por isso, vamos continuar a apoiar aqueles que precisam porque, e agora ainda mais, a união faz a força.

Mariana Correia
EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco (Porto Santo)

A devida homenagem

Num tempo estranho, que desafia a confiança, a vontade e a concentração de estudantes, professores e técnicos de educação, o concurso Grande Ideia continua a refletir o brilho da comunidade escolar.

A criatividade, a perseverança e o empenho espelham-se nas oito páginas desta

publicação, em que se apresentam obras de diferentes modalidades.

É, pois, com extremo agrado que se presta esta singela homenagem a esse contributo, simultaneamente coletivo e individual, de todos e de cada um.

Equipa
do Ponto e Vírgula